

Tecnologias Indígenas de Construção Xukuru do Ororubá¹

Daniel Bernardo Rocha Guimarães de Souza (PPGA/UFPE)

Resumo

Este artigo apresenta notas de pesquisa provenientes de dados etnográficos experienciais, coletados através de observação participante sobre as Tecnologias de Construção do Povo Indígena Xukuru do Ororubá, localizado na região agreste do estado de Pernambuco, com os quais venho trabalhando conjuntamente a partir da pesquisa ação, auxiliando no processo de rememoração e reutilização das suas tecnologias tradicionais de construção, as quais fazem parte da reelaboração e fortalecimento da identidade étnica, iniciada a partir da retomada do território que ocorreu entre os anos de 1990 e 2005. Nestas notas trago primeiramente uma síntese sobre o contexto histórico e a cosmologia Xukuru do Ororubá, em seguida trago um relato do processo de rememoração e posterior reutilização das tecnologias, descrevendo os processos construtivos de um “**Peji** de Barro” que foi executado juntamente com o povo. Em seguida, analiso o processo de enraizamento e desdobramentos dessa construção no território e ao final dialogo com as perspectivas nativas sobre a importância deste processo e apresento minhas conclusões.

Palavras-chave: Identidade étnica, Tecnologias indígenas de construção. Xukuru do Ororubá.

Introdução

O Povo Indígena Xukuru do Ororubá está localizado na Terra Indígena de mesmo nome que compreende uma área de 27.555 hectares, nos municípios de Pesqueira e Poção a 215 km da capital Recife. O território é dividido em três regiões: a região da Serra, do Agreste e da Ribeira; e em 24 aldeias, dentre as quais, na Aldeia São José está situado Posto Indígena Xukuru, distando apenas 8 Km da cidade de Pesqueira. Em 2012 foram contabilizados 12.139 indígenas (LEAL; ANDRADE, 2012), sendo considerado atualmente a maior população indígena em Pernambuco.

O contexto histórico e cultural do povo indígena Xukuru do Ororubá é marcado pela “fricção interétnica” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1964), devido ao processo de colonização iniciado no final do século XVI (SILVA, 2007), no qual houve a gradual

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020

expulsão dos indígenas de seu território ancestral e cuja dominação forçou o distanciamento da prática de seus conhecimentos tradicionais, havendo inclusive a perseguição aos rituais que passaram a ser executados escondidos nas matas.

Sobretudo a partir da promulgação do Diretório Pombalino em 1757 (ALMEIDA, 1997), ocorreu o endurecimento de práticas proibitivas, que forçaram aos indígenas a deixarem as suas habitações coletivas para construírem casas individuais com quartos separados para as suas famílias, e o impedimento da fala da língua Xukuru, restando atualmente cerca de 800 vocábulos que são utilizados nos dias de hoje para nomear seus processos de “indigenização”.

Somente com a retomada do território ancestral, entre os anos de 1990 e 2005, iniciou-se um processo de “reelaboração da identidade étnica” (OLIVEIRA, 1999), a partir da rememoração e reutilização dos costumes e práticas dos antepassados, que atualmente faz parte do **Projeto de Vida Xukuru do Ororubá**², o qual é chamado de *Limolaygo Toype*³.

Limolaygo Toype significa **Terra dos Ancestrais**,

esse termo surgiu em 2008 para falar sobre da ligação com os ancestrais desta terra, os velhos e a terra velha, hoje está muito claro que está relacionado não só com o mundo velho que se foi, mas do mundo velho que é hoje através dos reinados, da questão espiritual e do mundo espiritual.

Então esse mundo velho ou Limolaygo Toype ele não é só a terra velha que ficou 100, 200, 300, 500 ou 1000 anos atrás, a terra dos ancestrais significa a terra dos encantados, os espíritos da cosmologia Xukuru do Ororubá, que de certa forma estão dialogando convivendo com a gente, só que em outro plano. Limolaygo Toype foi elaborado para um encontro de agricultura, mas o termo e a concepção filosófica foram tão bem recebidos que foi adotado para ser a chamada da Assembleia Xukuru e foi absorvido por essa compreensão do projeto de vida, modo de vida, a agricultura modo de vida, o projeto de futuro, o Bem Viver Xukuru, a visão de mundo e a cosmologia do povo Xukuru. (Entrevista com Iran Xururu)

Compreende-se que os conhecimentos tradicionais auxiliam a resistência frente às pressões impostas pela sociedade envolvente através do contato interétnico. Entre esses conhecimentos estão as tecnologias indígenas de construção, que para Portocarrero (2010) compreendem as formas, materiais e métodos construtivos.

Este trabalho visou a rememoração e reutilização, ao qual eles chamam de retomada, das Tecnologias de Construção do Povo Indígena Xukuru do Ororubá, que irei relatar neste artigo através de uma “descrição densa” (GERTZ, 1989) dos processos

² Os termos nativos que estão em português serão escritos em negrito

³ As palavras em itálico são vocábulos do dialeto Xukuru, para mais informações consultar Lapenda (1962), Pompeu (1958), Meader (1978), Loukotka (1949).

construtivos do Povo Xukuru do Ororubá, a partir das formas, materiais e métodos construtivos com o auxílio de fotografias para melhor visualização e compreensão sem necessidade de descrições exaustivas (GALLOIS,1995).

Estando lá, notas e observações no campo

No ano de 2015 fui convidado como arquiteto e urbanista, juntamente com uma equipe multidisciplinar, por Iran Xukuru que é o cuidador do Terreiro da Boa Vista, para realizar uma oficina de bioconstrução no território Xukuru do Ororubá, pois seu povo estava na busca pela retomada de suas tecnologias de construção ancestrais, que devido ao processo de colonização as construções estavam sendo realizadas com materiais modernos industrializados como o concreto, aço, tijolos queimados e telhas cerâmicas.

A primeira ida ao território foi no dia 24 de outubro de 2015 por ocasião da festa de aniversário ou de redescoberta do Terreiro da Boa Vista (Fotografia 01). Durante a celebração, Iran Xukuru, que estava conduzindo a cerimônia, realizou uma pausa para um intervalo no ritual e chamou todos que estavam presentes ao centro do terreiro e nos convidou para apresentarmos o objetivo de estarmos no território.

Fotografia 01 - Toré no Terreiro da Boa Vista



Fonte: O autor, 2016.

Explicamos que tínhamos sido convidados para realizar uma oficina de “bioconstrução”, que é um termo utilizado na atualidade para se referir a construções com uma preocupação ecológica e baixo impacto ambiental, as quais em sua maioria utilizam tecnologias de construção vernaculares que são consideradas como “técnicas ancestrais”, oriundas dos conhecimentos de povos tradicionais que constroem com

materiais e técnicas locais, além de terem a preocupação com a transmissão desses conhecimentos aos mais novos, para que se mantenha a tradição.

Demonstramos algumas imagens de construções realizadas com as técnicas que conhecíamos como a taipa de mão, a taipa de pilão e tijolos de adobe (Fotografia 02), contudo, falamos que não pretendíamos fazer um processo colonizador e ao invés de trazer novas técnicas construtivas, os questionamos o que eles consideravam como tradicional (Fotografia 03).

Fotografia 02 e 03 - Conversa com os indígenas durante o intervalo do **toré**



Fonte: O autor, 2016.



Fonte: O autor, 2016.

Boa parte dos presentes falaram que antigamente se construía com taipa de mão ou pedra e utilizava-se a palha do coco catolé (*Syagrus coronata*) para a cobertura, o que ainda era feito em alguns **ranchos** que são casas de apoio próximo às roças.

Também foi falado que “muito antigamente”, anteriormente à utilização da taipa, se faziam abrigos triangulares cobertos com barro e palha, que eram utilizados como abrigos na mata quando estavam caçando, mas que os mesmos não haviam visto e só ouviram falar, pois devido ao passar do tempo foi deixado de ser utilizado e os presentes não tinham ideia de como eram realizadas essas construções.

Ao final da reunião no Terreiro da Boa Vista, foi indicado que fosse visitada a Vila de Cimbres, pois lá havia muitas casas antigas que tinham sido construídas de taipa e de pedra e ainda estavam em pé.

O relato passado no terreiro ratifica o que há escrito em Hohenthal (1954, p. 119):

Quanto às casas, a construção do tipo conhecido como taipa é a regra hoje; ocasionalmente será encontrada uma casa construída com tijolos de adobe. Essas estruturas não são diferentes das favelas neo-brasileiras na mesma região. Antigamente, parece que os Shucurú construíam casas unifamiliares de mastros, cobertas com folhas de palmeira catolé. As paredes eram tão baixas que quase não existiam. A planta era aproximadamente retangular e o telhado era de duas águas; o beiral quase chegava ao nível do solo. Havia uma única entrada e nenhuma janela. No centro da casa, em frente à porta, havia uma fogueira, embora a comida geralmente fosse feita fora da casa. (tradução do autor)

No dia seguinte, fomos para a Vila de Cimbres (Fotografia 04) e alguns dos indígenas que estavam no **toré** do dia anterior foram nos mostrar as casas que haviam lá e que tinham sido construídas com taipa e pedra, contudo, os mesmos falaram que devido à realização do reboco não dava para “perceber que eram de taipa”.

Fotografia 04 - Vila de Cimbres



Fonte: O autor, 2020.

Fotografia 05 - “Mestre Canhotinho”



Fonte: Pedro Paes, 2016.

Nessa visita, também conhecemos mestres ainda vivos como o “Mestre Canhotinho” (Fotografia 05), o mesmo disse que quando mais novo realizava juntamente com seus irmãos casas com pedra (Fotografia 06) e que aprendeu construindo cercas de pedra (Fotografia 07), que era uma prática comum para a divisão dos terrenos na época dos fazendeiros.

Fotografia 06 - Casa de Pedra em Cimbres **Fotografia 07** - Cerca de Pedra



Fonte: Pedro Paes, 2016



Fonte: O autor, 2020

Voltamos ao território nos dias 19 e 20 de novembro de 2015 para o Encontro Urubá Terra, que é um encontro da educação específica e diferenciada Xukuru do Ororubá, no qual se discutiu sobre a “**agricultura forma de vida**” e como trazer esse conceito para a educação. Nesse encontro conseguimos entender melhor a cosmologia do povo e estreitar os laços com os indígenas.

Posteriormente voltamos no Dia de Reis no dia 06 de janeiro de 2016, que é a primeira cerimônia do calendário religioso Xukuru do Ororubá, na qual os **encantados**

dão os encaminhamentos de como será o ano. Ao final do ritual, Iran Xukuru nos convidou para participar de uma reunião, na qual foi definido que iríamos começar a construção após o carnaval.

Voltamos ao território no dia 12 de março de 2016 e pela manhã fomos ao Terreiro da Boa Vista e conversamos sobre as observações realizadas na Vila de Cimbres sobre as técnicas levantadas, indagando se a construção deveria ser realizada com taipa ou pedra. Além de dialogamos sobre o formato, se deveria ser retangular, circular ou oval, com desenhos realizados chão (Fotografia 08).

Observamos a praticidade de se desenhar no chão, contudo, havia uma efemeridade dos desenhos, pois logo após se terminar de explicar os desenhos eram apagados, necessitando serem registrados rapidamente com fotografias ou filmagens.

Perguntamos a eles como se resolveria estruturalmente o telhado, rapidamente um dos presentes, conhecido como Seu Mané, recolheu nas proximidades gravetos terminados com forquilha e fez uma maquete estrutural (Fotografia 09).

Fotografia 08 - Desenho no chão



Fonte: O autor, 2016

Fotografia 09 - Maquete estrutural



Fonte: O autor, 2016

Na tarde do mesmo dia houve **toré**, e durante o intervalo fomos chamados novamente ao centro do terreiro, no qual falamos sobre o mapeamento que havíamos feito e perguntamos o que eles gostariam de construir.

Foi levantado a necessidade de três construções: um apoio ao terreiro para que o **toré** fosse executado protegido da chuva; uma barraca para apoio à alimentação que há na caminhada no dia da Festa de São João; e um abrigo para os visitantes parceiros ou que vão fazer pesquisas no território.

Foi decidido que a construção a ser executada seria a primeira opção – um apoio para que o **toré** fosse executado protegido da chuva –, em um terreno próximo ao terreiro. Visitamos o terreno (Fotografia 10) e o mesmo já estava “limpo”, capinado, e observamos que havia uma Jurema Branca (*Mimosa Verrucosa*) se destacando no local, essa variedade é menos comum no território do que a Jurema Preta (*Mimosa Hostilis*), que é cultuada

como uma divindade na cosmologia Xukuru, além de ser realizada uma bebida enteógena utilizada no ritual do **toré**.

Fotografia 10 - Reunião no terreno **Fotografia 11** - Conversa entre os “mais velhos”



Fonte: O autor, 2016



Fonte: O autor, 2016

A partir desta observação, Seu Chico Jorge, a direita na Fotografia 11, o mestre que estava conduzindo o ritual, cantou para o **encantado** que é a “**dona**” dessa planta, a qual “**possuiu uma médium**” que estava no local, a mesma se apresentou como a “Cabocla Jassiara”, a cabocla de pena da jurema branca e informou que “*aquela construção era para ela*”, e que “*a mesma deveria ser como uma oca igual à que os antigos moravam*”.

Complementou dizendo que deveria ser “*de formato circular, paredes de taipa com pedra e coberta de palha, barro e palha por cima, para proteger da chuva e dos invasores, pois se eles tocassem fogo virava cerâmica*”, depois da explanação perguntou se tínhamos entendido o que ela havia dito, e após confirmarmos que sim e a Cabocla Jassiara se despediu e foi embora.

A partir do relato do **encantado**, juntamente com a memória do que os seus avós haviam lhe falado Dona Maria Quitéria (Fotografia 12) desenhou em um papel como seria a “oca como os antigos moravam” e posteriormente nos entregou este desenho (Figura 01).

Fotografia 12 - Dona Maria Quitéria



Fonte: O autor, 2016.

Figura 01 - Desenho da oca



Fonte: Dona Maria Quitéria, 2016.

Após o **encantado** se despedir, Seu Mané, um dos “**mais velhos**” disse que um jovem conhecido como “Inha” (Fotografia 13) havia construído uma casa (Fotografia 14) com as técnicas que o **encantado** havia informado, e no dia seguinte nos levou até o local.

Fotografia 13 - “Inha”



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 14 - Casa de “Inha”



Fonte: O autor, 2016.

Inha é um jovem que estava noivo e queria se casar, contudo não possuía uma casa para morar, tentou por dois anos seguidos se inscrever no programa do governo “minha casa minha vida”, contudo não foi sorteado e a partir dessa necessidade perguntou a mãe como as pessoas realizavam suas moradias antigamente.

Sua mãe lhe informou que eram realizadas de taipa com pedra e o explicou como fazer, a partir do relato o jovem coletou os materiais na proximidade do local onde seria construída a casa, que foram as pedras, o barro, madeira e cipó, além das telhas que conseguiu em uma casa abandonada, necessitando comprar apenas 2 quilos de prego.

Para realizar a construção, foi utilizada a mesma técnica da taipa com pedra que havia sido informada pelo **encantado**, podendo assim observar que esta técnica não havia ficado no passado, mas que ainda era realizada na atualidade, havendo assim a possibilidade de ver e compreender como essa tecnologia é realizada (Fotografias 15 e 16).

Fotografia 15 - Estrutura da taipa



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 16 - Camadas construtivas



Fonte: O autor, 2016.

Como a construção ainda não estava finalizada, foi possível ver as camadas do processo construtivo da casa e observar as paredes sem o reboco, tanto sem o barreamento como as que estavam somente barreadas (Fotografias 17 e 18), além de escutar o relato do Inha sobre o processo de construção da casa, que estava sendo construída fazia 6 anos e ainda haviam partes para finalizar.

Fotografia 17 – Interior da casa



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 18 – Taipa barreada



Fonte: O autor, 2016.

Da pesquisa a ação, Peji de taipa com pedra

Devido à grande dimensão e a complexidade da construção do apoio ao terreiro que havia sido selecionado para ser construído, foi resolvido em conversa com os indígenas envolvidos no processo que primeiramente iríamos projetar e executar um **Peji**, que é um pequeno altar onde se acende velas aos **encantados**, conforme exemplos das Fotografias 19, 20, que era uma demanda que havia sido feita pelos encantados de se construir um “**peji** de barro”.

Fotografia 19 - Peji do Terreiro da Boa Vista



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 20 – “Peji de Palha”



Fonte: O autor, 2016.

Na construção do “**Peji** de Barro” (Fotografia 21) houve a possibilidade de se testar a execução das tecnologias em uma menor escala, possibilitando ativar a memória coletiva e gerando um envolvimento. O mesmo foi realizado a partir de mutirões podendo

assim articular o as pessoas e perceber o engajamento da população, além de ativar as redes sociais possibilitando o contato com os mestres construtores.

Fotografia 21 - “Peji de Barro”



Fonte: O autor, 2016.

A construção foi realizada nos dias 02 e 03 de abril de 2016 com os materiais retirados no local: barro de formigueiro e madeira de mata (Fotografia 22), pedra e cipó de cesto (Fotografia 23) e palha de coco catolé (Fotografia 24), foi realizado com formato arredondado, a partir das técnicas de “*taipa com pedra*” e cobertura de “*palha, barro, palha*” que haviam sido trazidas pelo **encantado**.

Fotografia 22 - Barro e madeira



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 23 - Pedra e cipó de balaio



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 24 - Palha de Coco Catolé



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 25 - Adelson e Seu Mané



Fonte: O autor, 2016.

“Seu Mané Dez Conto”, a direita na Fotografia 25, foi um dos que participou mais ativamente do processo de construção do **Peji**, o mesmo falou que quando ele era criança o pai dele construía casas com a mesma tecnologia trazida pelo **encantado** e que ele não tinha tido a oportunidade de realizar uma construção dessa, sendo essa execução a realização de um sonho de criança. Quando perguntávamos para ele como resolver algo que ele não sabia, o mesmo sempre dizia “vamos vendo menino”, até ele se lembrar como era feito ou chegar alguém que soubesse resolver.

Após serem recolhidos os materiais necessários, foi realizada a limpeza do terreno (Fotografia 26) e posteriormente foi marcado no chão um círculo de 1 metro de raio, para realizar essa etapa foi fincada uma vara no centro de onde seria a construção e com um barbante amarrado nessa vara e um graveto amarrado na outra ponta que foi girado como um compasso demarcando o círculo. Posteriormente esse círculo foi dividido em partes iguais de 1 metro, totalizando 6 partes, desenhando um hexágono que para eles seriam o suficiente para ter o “formato arredondado”, e resolveria construtivamente a taipa, que necessita a utilização de varas retas, não sendo possível uma construção totalmente redonda. Após serem marcados os 6 pontos onde seriam os **esteios**, ou pilares, os mesmos foram cavados com cavadeira articulada (Fotografia 27).

Fotografia 26 - Limpeza do terreno



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 27 - Marcação e cavação



Fonte: O autor, 2016.

Para a fundação, Seu Mané disse que poderíamos fazer com areia, que o mesmo foi recolher nas proximidades, posteriormente pegou uma vara e a apontou uma das extremidades com um facão, colocou os esteios nos buracos já feitos anteriormente, preencheu com areia e foi socando com essa madeira apontada (Fotografia 28), pois segundo ele *“quando se compacta a terra com a madeira reta, só se compacta a parte de cima da areia, ficando mal compactado em baixo, o que fragiliza a fixação da estrutura e que em pouco tempo iria cair”*. Para o corte da madeira foi utilizado faca (Fotografia 29) e foice.

Fotografia 28 - Fundação em areia



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 29 - Corte de madeira com faca



Fonte: O autor, 2016.

Depois terem sido fixados os esteios em pé foram amarradas as **hástias**, que são as vigas horizontais, com cipó de cesto e posteriormente foram colocadas as linhas da cobertura e os caibros em diagonal para possibilitar a fixação das palhas (Fotografia 30), ao final foram colocadas as varas horizontais realizando o entramado da taipa (Fotografia 31).

Fotografia 30 - Estrutura em madeira



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 31 - Estrutura em madeira



Fonte: O autor, 2016.

Posteriormente, o entramado foi preenchido com pedras (Fotografias 32 e 33), que é um material abundante na região, além de possibilitar a construção de uma parede muito resistente e com grande inércia térmica, mantendo o ambiente mais frio em relação ao

calor exterior pela manhã e à noite mais quente em relação ao frio por ser uma região serrana.

Fotografia 32 e 33 - Preenchimento do entramado com pedras.



Fonte: o autor, 2016



Fonte: o autor, 2016

Para a realização do barreamento da taipa (Fotografia 34) é necessária uma terra com cerca de 60% de areia e 40% de argila (ALVES, 2014) para que a mesma se fixe a estrutura de madeira e não apresente muitas rachaduras.

O solo da região é muito arenoso e há pouco barro disponível, para encontrar uma solo as características para o barreamento se procura um formigueiro, de preferência desativado, pois ali há uma boa proporção de argila na terra, o mesmo é retirado e misturado com água e capim seco triturado que aumenta a resistência às tensões e diminui a quantidade de rachaduras, esse processo de mistura é chamado de traçar a massa (Fotografia 35).

Fotografia 34 - Barreamento da taipa



Fonte: O autor, 2016.

Fotografia 35 - Traço da massa



Fonte: O autor, 2016.

Nem sempre é possível o acesso a um formigueiro desativado no local da construção, por conta disso há um **toré** que é cantado quando se tira o barro de dentro do formigueiro para que os **encantados** protejam a quem está fazendo esse serviço das picadas de formiga.

*Pisa ligeiro,
Pisa ligeiro,
Quem tem medo da formiga não assanha formigueiro,
Pisa ligeiro,
Pisa ligeiro,
Quem tem medo da formiga não assanha formigueiro.*
(**Toré** cantado na hora de tirar o barro de dentro do formigueiro)

Para a cobertura foi utilizada palha de coco catolé, que foi colhida na região e utilizada “**virada**”, com as folhas, pínulas, dobradas para um só lado, que é feito quebrando-se a estrutura do início da folha da palha, virando a pínula no sentido contrário deixando-a maleável (Fotografia 36), possibilitando deixar as folhas a 90° do talo da palha (Fotografia 37).

Fotografia 36 - Virando a palha



Fonte: o autor, 2016

Fotografia 37 - Palha virada



Fonte: o autor, 2016

Após as palhas serem “**viradas**”, a estrutura de madeira foi coberta com palhas (Fotografia 38) e posteriormente amarradas com “**cipó de cesto**” (Fotografia 39),

Fotografia 38 - Colocando a palha



Fonte: o autor, 2016

Fotografia 39 - Amarração com cipó



Fonte: o autor, 2016

Em um certo momento do **toré** os indígenas que estavam dançando o ritual no terreiro vieram à construção para participar do processo (Fotografia 40) no qual cada um deles colocaram “*pelo menos uma mão de terra*”, para que “*todos deixassem a marca de sua participação na construção*” (Fotografia 41).

Fotografia 40 -
Membi, flauta ritualística Xukuru



Fonte: o autor, 2016

Fotografia 41 -
Participantes do **toré** colocando o barro



Fonte: o autor, 2016

Devido a não terem utilizado insumos como cimento que são tóxicos ao corpo humano, há a possibilidade da participação das crianças, realizando com isso a transmissão do conhecimento para as gerações mais novas a partir da observação e contribuindo na execução das tarefas menos pesadas.

Por último foi colocada uma demão de barro por cima da palha (Fotografia 42) e após o barro secar foi colocada uma camada de palha por cima do barro (Fotografia 43), para proteger o barro da chuva e intempéries.

Fotografia 42 -
Colocação do barro por cima da palha



Fonte: o autor, 2016

Fotografia 43 -
Peji finalizado com palha por cima do barro



Fonte: o autor, 2016

A partir da execução do **Peji** foi analisado que os objetivos de testar as técnicas em uma construção de menor escala foram alcançados, além de articular a execução a partir de mutirões e o contato com os mestres do saber fazer, podendo assim seguir para a próxima etapa que seria a construção do apoio ao terreiro.

Enraizamento no Território

Ainda em 2016, após a construção do **Peji** realizamos o apoio ao terreiro, o qual ganhou o nome de Casa da Cura (*Xeker Jeti*) que é traduzido como Casa dos Ancestrais (Fotografia 44 e 45), no terreno ao lado do Terreiro da Boa Vista, na qual ficamos 45 dias

imersos nesse processo e que participaram indígenas de todas as regiões do território nos mutirões.

Fotografia 44 – *Xeker Jeti*



Fonte: o autor, 2016

Foi construída como “*uma oca como os antigos moravam*” (Cabocla Jassiara, 2016), e é utilizada para rituais, além de ser um local para realizar o sistema tradicional de cura a partir das ervas e rezas, no qual os guardiões desses saberes podem se encontrar e dialogar.

Fotografia 45 – Vista interna do *Xeker Jeti*



Fonte: o autor, 2016

No processo de construção do *Xeker Jeti*, o Cacique Marcos visitou a obra e nos convidou para projetar o Espaço Mandaru (Fotografia 46 e 47), um pavilhão para abrigar a Assembleia do Povo Xukuru, que era realizada anualmente em tendas de lona alugadas que gerava um alto custo, o mesmo foi executado no ano de 2017 ao custo do aluguel de um ano, devido à utilização de materiais e mão de obra local em formato de mutirão.

Fotografia 46 – Espaço Mandaru



Fonte: o autor, 2017

Fotografia 47 – Espaço Mandaru



Fonte: o autor, 2017

Ao chegarmos para a Assembleia Xukuru do ano de 2017, os indígenas haviam realizado uma pequena construção na lateral do Espaço Mandaru (Fotografia 48 e 49), que foi utilizada como um espaço museal sobre o Pajé Zequinha, essa estrutura nos remete a construção que havia sido relatada como a anterior às casas de taipas na pesquisa de campo e que havia sido descrita por Hohental (1954).

Fotografia 48 e 49 – Espaço Museal do Paje Jequinha



Fonte: o autor, 2017.



Fonte: o autor, 2017.

No ano seguinte foram projetados e executados os anexos de cozinha (Fotografia 50) e dormitório (Fotografia 51), esse processo demonstrou uma maior autonomia do povo não necessitando de visitas frequentes para acompanhamento da obra, uma vez que já havia uma apropriação da linguagem arquitetônica e as soluções de construção tinham sido desenvolvidas por eles, pois sempre houve uma busca para detalhar juntamente com os mestres a execução das construções a partir das tecnologias locais.

Fotografia 50 – Cozinha



Fonte: O autor, 2018.

Fotografia 51 – Dormitório



Fonte: O autor, 2018.

Para o Cacique Marcos, em fala durante a Assembleia de 2017, “*o mutirão faz parte da construção tradicional Xukuru, pois toda a luta das retomadas foi a partir do sistema de mutirão, no qual todos se ajudavam para construir casas e roçados*”, demonstrando a importância do trabalho coletivo para a reelaboração da Identidade Xukuru do Ororubá.

Para Iran Xukuru a importância desse processo o é:

O fortalecimento de tecnologias que são ancestrais, que eram coisas que se faziam antigamente, além de estar reativando a memória coletiva do povo em relação a esse universo da espiritualidade e da forma de se viver dos antigos, o nosso objetivo é mostrar para as pessoas que existe uma outra forma de se construir, quando a gente faz uma construção baseada naquilo que os mais velhos falaram e naquilo que os encantados falaram através da mediunidade, nós materializando esse encantamento, tornando visível o que estava adormecido, pois se a gente não tiver o cuidado ele vai chegar a um ponto no qual vai perder o seu poder de germinação não podendo mais rebrotar, ou seja, ele pode ser esquecido, então a gente está trazendo isso à tona e está mostrando ao Povo Xukuru do Ororubá que essas tecnologias são viáveis e que podem ser implementadas facilmente, além de ser fiel com o mundo ancestral e com magia do encantamento. (Entrevista com Iran Xururu)

Entendemos que a importância do processo dialógico se relaciona ao desenvolvimento da autonomia do Povo Indígena Xukuru do Ororubá, quanto ao domínio da linguagem arquitetônica e das soluções construtivas geradas a partir das tecnologias locais.

Considerações Finais

Assim como as formigas juntam coletivamente o barro para fazer seu formigueiro, o povo Xukuru do Ororubá também coleta e constroem coletivamente suas habitações, quando um está tirando o barro do formigueiro o outro está cantando o **toré**, ou quando um está trabalhando na marcenaria o outro está conversando e entretendo para que o trabalho não fique entediante. Observa-se que há o trabalho coletivo em todas as etapas

construtivas, pois até para carregar as pedras há a divisão das atividades de modo que não fique pesado para ninguém.

Foi analisado que os objetivos deste trabalho foram alcançados sendo realizado uma rememoração das tecnologias a partir do mapeamento das formas, materiais e métodos construtivos.

Houve um grande envolvimento da população que possibilitou um planejamento participativo junto com os indígenas, que decidiram o qual construção seria realizada e o local e os **encantados** trouxeram as informações sobre as tecnologias a serem utilizadas.

Foi observado a questão da transmissão das tradições através do diálogo com os **encantados**, considerados como os ancestrais do Povo Indígena Xukuru do Ororubá, repassando seus conhecimentos tradicionais aos mais novos que estão nesse plano.

Realizou-se uma construção a partir da reutilização das tecnologias tradicionais na construção do **Peji** de Barro, possibilitando testar a execução da técnica em uma menor escala, além de articular a realização de mutirões que viabilizou a posterior realização de outras construções no território.

Observou-se um enraizamento no território, no qual os mais jovens têm me procurado para projetar casas com pedra ou com taipa.

Desenvolveu-se uma autonomia entre os indígenas, pois assim como o jovem “Inha”, outros indígenas perceberam que não precisam de grandes investimentos externos para realizar suas construções, pois há mão de obra local, material em abundância e tecnológicas no território.

Essas tecnologias têm um papel importante no processo da busca para o fortalecimento e reelaboração das tradições do Povo Indígena Xukuru do Ororubá, por serem únicas no contexto regional, no qual as casas de taipa ou pau a pique são muito comuns no nordeste brasileiro, contudo não havia documentação de uma “*taipa com pedra*”, nem de cobertas de “*palha, barro, palha*”, tecnologias que foram rememoradas a partir do relato de um **encantado**, assim como a “*forma arredondada*”.

Estas notas fazem parte da pesquisa de minha dissertação de mestrado que está sendo realizada atualmente, a qual tem por objetivo realizar a identificação dos conhecimentos tradicionais relacionados às Tecnologias Indígena Xukuru do Ororubá de Construção, visando a ampliação o conhecimento acadêmico na área etnográfica sobre as técnicas construtivas, materiais locais e formas utilizadas, possibilitando o registro e documentação desses conhecimentos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Eliene Amorim (Org.). **Xucuru - Filhos da Mãe Natureza**. Olinda: CCLF, 1997.
- ALVES, Eudes Ribeiro. **A Casa de Taipa: Estrutura Gráfica e artesanal de madeira e barro**. Olinda: Livro Rápido, 2014
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Índio e o Mundo dos Brancos**. A Situação dos Tukúna do Alto Solimões. São Paulo: DIFEL, 1964.
- GALLOIS, D.; CARELLI, V. Vídeo e diálogo cultural- experiência do Projeto Vídeo nas Aldeias. **Horizontes Antropológicos**, Ano 1, nº 2, 1995.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989
- HOHENTHAL, W. Notes on the Shucurú Indians of Serra de Ararobá, Pernambuco, Brazil. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série v. VIII, p. 93-164, São Paulo: Museu Paulista, 1954
- LAPENDA, Geraldo Calábria. O dialecto Xucuru. **Doxa** (Revista Oficial do Departamento de Cultura do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife), ano X, n. 10, p. 11-23, 1962.
- LEAL, Caroline; ANDRADE, Lara E. Algumas considerações sobre o vivido. *In*: LEAL, Caroline; ANDRADE, Lara E. (orgs.). **Guerreiras: a força da mulher indígena**. Olinda, Centro Luiz Freire, 2013. p. 8.
- LOUKOTKA, Čestmír. Sur quelques langues inconnues de l'Amérique du Sud. **Lingua Posnaniensis**. 1, 53-82, 1949.
- MEADER, Robert E. **Índios do Nordeste: Levantamento sobre os remanescentes tribais do nordeste brasileiro**. Brasília: SIL International, 1978.
- MELO, Mario. Etnografia pernambucana: Os Xucurús de Ararobá. **Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano**, vol. XXXIII (1933-1935), ns. 155 a 158, p. 43-45. Recife: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1935
- OLIVEIRA, João Pacheco (org.). **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Línguas Tapuias desconhecidas do Nordeste: Alguns vocabulários inéditos. **Boletim de Antropologia**. 2. 3-19. Fortaleza, 1958.
- PORTOCARRERO, José Afonso Botura. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso: habitação**. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.
- SILVA, Edson. História, memórias e identidade entre os Xucuru do Ororubá. **Revista Tellus**. Campo Grande, UCDB, nº 12, p. 1-14, 2007.